

DROR HABONIM
HANHAGÁ ARTZIT
BRASIL



Nº 4.82
ABRIL

יַחְדָּא?

יַחְדָּ! !



REDATORIAL

Mania chata que estes itonim tem de sempre começar pelo redatorial. Deixa prá lá, já que eu comecei, continuo assim mesmo. Bom pessoal, este iton tem uma proposta... ih, assim não dá, tá a mesma lenga-lenga de sempre. Tá legal, vocês tem razão, é melhor eu parar de enrolar.

Sô queria dizer prá vocês que este iton tá uma miscelânea danada, e demorou pacas, porque uma parte dele, a parte que foi feita pela Hanhagã passada, deveria ter saído ainda em novembro do ano passado, e sô tá saindo agora, junto com outras coisas. Mas tudo bem, valeu a pena esperar (espero que sim) todo este tempo. Sô queria dar um lembrete a todo mundo: IACHAD quer dizer JUNTO, ora perobas, e JUNTO quer dizer que mais gente tem que participar deste troço (mesmo se for com besteiras, como as coisas que eu escrevo...). Não é falta de idéia a causa de pouca gente escrever. Tem um monte de louco nesta Tnuã com um monte de minhocas produtivas na cabeça. Bom, e já que isto aqui é prá provocar mesmo, eu declaro: Isto é preguiça, viram? Preguiça!

Ufa, depois desta até parece que alguém aqui tem muita moral(hi!hi!). Bom, se vocês conseguiram ler este redatorial até aqui, parem já e passem pros artigos que tão dentro do Iachad, que são bem mais interessantes. É isso aí. Beijinhos nas crianças.

NECO

P.S.- Se este iton lhe fizer mal, tome um Sonrizal (rimou, oh!oh!)



FIM DE NOITE; E.....SôBrio !!!

São: 01:30 h.

Tava quase indo dormir; daí eu comecei a conversar com o Merlin e me apertou o coração. Sabe, aqueles papos de pobreza, fome, injustiças. PUTZ, como é... fôGa. Agente vive numa redoma de vidro, ignora (ou tenta) ao máximo o sub-mundo necessitado que existe ao nosso redor.

Dá mais angústia ainda ao reconhecermos que os abastados, supridos, esta camada bem estabelecida da sociedade a que pertencemos, não passa de uma minúscula minoria.

Desce um futa sentimento de frustração; Acha que agente nessa luta pelo dia-a-dia da Tnuã não percebe o quão minúsculo somos. Não percebemos a particularidade (apesar da importância) de nossa briga.

Agente perde um tempão discutindo se o shabat vai ser assim ou assado,⁶ se tem que ter messibã de Pessach, se agente é feliz, e o "caraia4".

Tô achando que o lado socialista da Tnuã tá virando definição coloquial.

O que eu quero realmente dizer é que afora o senso crítico, a identificação jucadica, o sentimento sionista, devemos desenvolver p lado socialista, em sua concepção mais prática possível.

Não estou aqui pedindo prá que nossos chaverim dividam suas mesadas com os pobres (Deus me livre, prá onde iríamos depois da peulã de sãbado, sem dinheiro ?!!!).

Tô apenas propondo que a TNUã passe a realizar um trabalho de campo, uma HADRACHÁ SOCIAL. Em vez de comprar tilboshot, uniformes de futebol e roupa de dança, poderíamos fazer uma campanha de roupas (taí um Inter-Kvutzot legal), fazer peulot de tarbut em favelas ou ainda ARCADÁ nos bairros de periferia.

NÃO !!, juro....., eu tô sôbrio! , e aceito sugestões para atividades.



BOA NOITE

Piu Piu - Boger / Hanhagã Artzit

O maior orgulho das comunidades judaicas é o de terem perpetuado o judaísmo através dos séculos de diáspora e, por causa disto, os líderes das comunidades acham que este é um trabalho que deve ter continuidade. Deve-se louvar a importância histórica das comunidades mas não devemos esquecer que Eretz Israel existe! O judaísmo na diáspora já não é mais vital e pode até ser prejudicial, na medida em que é um obstáculo à uma aliança de todos os judeus do mundo.

Apesar de nenhum pai judeu gostar de ver seu filho chegar em casa chorando por que o chamaram de "judeu sujo", não deixa de ser uma situação pedagógica típica da Idade Média tirar seu filho do convívio normal com outras crianças para colocá-lo numa escola judaica, onde "ele aprenderá a ser um bom judeu na diáspora e manter as tradições seculares do povo judeu". Estes pais se esquecem que algum dia seus filhos sairão da escola judaica e irão para um colégio ou universidade, jogados derrepente em um meio estranho onde a assimilação é uma opção que aparece naturalmente à medida que seu convívio em um meio não judeu é mais intenso. Para este jovem despreparado, a assimilação se impõe forte e irresistível.

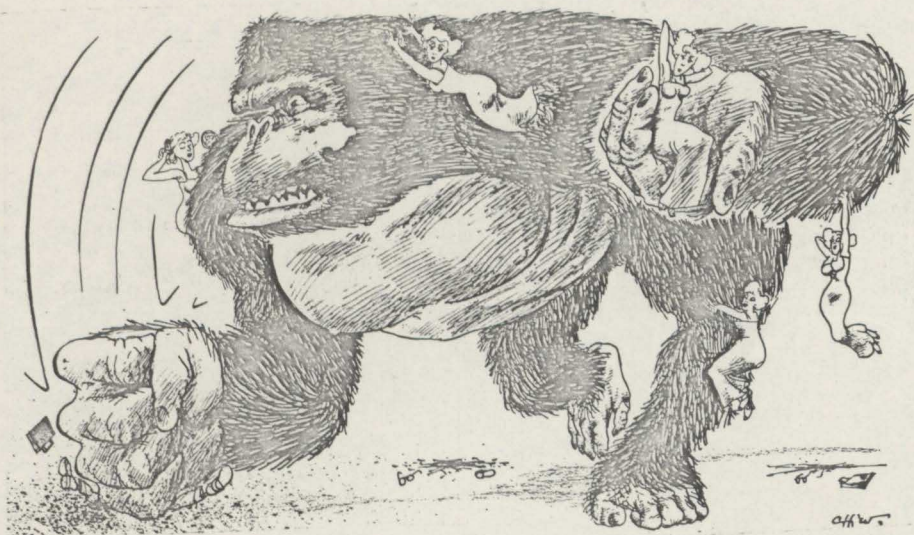
Por outro lado, não é de esperar que um jovem, que vê o exemplo dos pais e dos líderes da comunidade, geralmente adeptos fervorosos da manutenção da diáspora, faça aliança ou mesmo assumam sua identidade judaica. A escolha do jovem entre continuar num gueto ou assimilar-se é fácil,

principalmente quando ir para Israel é algo fora de cogitação.

É aí que o movimento juvenil tem um papel importante no entendimento do problema da identidade judaica, permitindo, graças ao seu caráter informal, o questionamento do jovem quanto à sua situação. O movimento juvenil, quando corretamente utilizado, é um fator de desalienação e conhecimento da situação verdadeira de Israel e da diáspora (há muito já se abandonou a idéia de um Israel perfeito e de uma diáspora improdutivo, aceita na época do auge do sionismo heróico) e permite uma tomada de posição mais consciente do jovem. Deve-se discutir o meio judaico brasileiro já que não é fácil ao jovem perceber as razões de sua situação social, bem como deve-se mostrar as condições do estado judaico e da comunidade brasileira de modo a barrar a avalanche de propaganda que nos atinge das duas direções.

Assim, se a assimilação é uma fuga, uma negação, quem se assimila não é um culpado, mas sim o fruto da ação de uma comunidade reacionária, que não foi capaz de educá-lo ou lhe proporcionar um pouco de senso crítico.

Beto - Magshim / Belo Horizonte



A DROGA (I)

"Nossos ídolos são os mesmos e as aparências não en ganam mais

Na parede da memória este é o quadro que dói mais

Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos

Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais"

Mata.

-Não mata.

-É ruim.

-Você está louco. É ótimo.

- Mas...

Diálogo comum. Corroqueiro mesmo. Todos os dias, conversas como esta são travadas em todo o mundo. Porquê? Em defesa ou contra uma qua se instituição nos nossos dias. Certo ou errado? Como podemos definir o que é certo ou errado?

Pois, não é que apenas vinte a nos passados, milhares de jovens co mo nós se revoltaram? Lembra-se ' disto? Já ouvimos falar deles em várias de nossas peulot: década de 60, movimento hippie, amor livre. Estão lembrando agora?

Vejam sō. Naqueles tempos uma geração inteira se revoltou, desde a Califórnia até Paris. Mas, porque esta revolta? Ah, em nome de uma sociedade mais humana, mais voltada ' para o natural. É, deve ser isso. E les, realmente, estavam revoltados ' com a geração dos seus(deles)pais. Também, pudera, era uma geração horrível. Mentalidade estreita, mesquinha, até. Pessoas que viviam e morriam em função de dinheiro. Sempre ' mais dinheiro. A luta era intensa, sempre em buscade um lugar ao sol,

com mais sol do que no vizinho. Com um objetivo tão difícil de ser alcançado, a maior parte desta velha geração vivia atormentada pelo fantasma do desespero. A neurose coletiva criou uma geração dependente do álcool, e dos tranquilizantes, tornando a vida insuportável sem a ajuda dos mesmos. Uma sociedade realmente necessitada de mudanças.

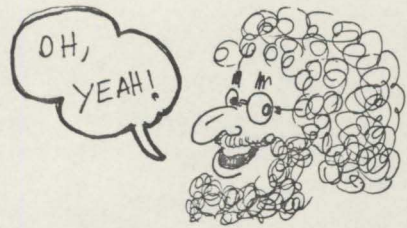
Então, vieram os anos 60 e a grande conscientização social da juventude, em busca de uma sociedade mais ' humana. Bons tempos. Mas, e depois ' da grande revolução?

Muita coisa mudou. A tecnologia inventou novas formas para quase tudo. Nós, hoje, podemos dizer que mudamos, também. Somos a geração que rejeitou o álcool e os barbitúricos. Nossos hábitos de vida são muito mais saudáveis. Defendemos a liberdade de pensamento e da expressão, a igualdade social, a fraternidade universal.

Nós somos a geração do fliperama, do Walkman, formas altamente sociais de relacionamento. Nós somos a geração da maconha, hábito sem consequências outras que não o deslumbrante mundo da imaginação. Por isso, viva a juventude, sempre revolucionária e de vanguarda.

MOISHE C. ARONIS

GEZER TALES



O dia amanheceu claro em... não, melhor começar de outro jeito. O dia amanhece nublado em Gezer. "Oh, shit", disse Hashi ao olhar pela janela, "another porrcarria day!" Well, melhor me mexer". Reme-xeu-se na cama por mais reva shaā, e finalmente foi acordar o eletrici-
cista do "Kibbutz". Depois de bater meia hora na porta, finalmente e-
le apareceu. Sem os óculos não via nada diante do nariz (pontudo, por
sinal), e disse: "Sandra, o que que tu tã fazendo a esta hora na rua?"
Hashi olhou meio assustado, depois bateu amigavelmente com uma chave
de fenda no ombro do eletricista e disse. "Ze ani, Hashi, man." O ele-
tricista arrumou seus revoltos cabelos louros, e depois de colocar os
"fundo de garrafa" convidou Hashi para entrar, dizendo: "Rapaz, vais
provar uma cachacinha...". Hashi provou meio contrariado, com cara de
"whisky is better". Hashi queria conversar com o eletricista, e pediu
que ele acendesse a luz, que tava meio escuro. Mas, sabem como é, em
casa de eletricista espeto de...oops, parece que eu me enrolei, deixa
prã lâ. O eletricista não encontrou os fios certos e acabou acendendo
uma vela. "Môrrou!" disse Hashi- "voce podia me fazerr um... "Jã te dis-
se que o meu nome é Mauro, não Môrrou!"- interrompeu o eletricista!" "Oh,
slichā, Môrroe, não foi de propōsito". Eletricista: "Grrrrrrrrrrrrrrrrr...
a

Bom, discussões ã parte, conversa vai, conversa vem, acaba-
ram falando do Garin brasileiro que chegara hã pouco ã Tzorā, para fa-
zer ulpan e depois vir a Gezer. Meio sem jeito, Hshi disse: "Mêurrou,
temos um problem com o garrin brrasileirro..." Mauro olho de revesgue-
io e disse: "Se é falta de guaranā, tu não te preucupa, guri, que ago-
ra o Brasil tã exportando guaranā Antartica prã cã, e... "No, no é
falta de guarranā"- disse Hashi- "Serr very pior que isto". "O quē,
não chegaram ainda os desodorantes deles do Brasil? Isto é muito sē-
rio!"- disse Morro, ou melhor, Mauro. "No, no!"- respondeu Hashi-"são
dois carras, um tal de Big Paulon e outrro tal de Bill-Pio. Eles não
parram de irr ãs asseifot klalio de Tzorā, e ficam todo o tempo fa-
zendo zona e piadinhas bestas. Os Chaverrim pedirram prã eles para-
rem com isto, but eles disserram que era uma mania que eles tinham

(continua)→

desde os seus primeiros anos na Tnuā, e que ficou muito mais acentuada quando eles foram prrā Hanhagā...". "Sō isto, piadas bestas?"-disse Mauro-"deixa que eu resolvo. Jā jā vou fazer um chug de piadas boas pra -aqueles dois". "No, mas o problema ē muito piorr, Mōrrou". "Jā disse que não ē Mōrrou, ē Mau... bom, esquece. O que que ē piorr, Hashi?"-perguntou Mauro. "O problema ē que o maskirr do kibbutz ficou very brrabo com eles"-disse Hashi. "Sō por causa das asseifot?"-perguntou Mauro. "No- respondeu Hashi-"ē que eles resolverram repetirr uma brincadeirri nha que fizerram no shnat deles, e emparredaram a porrrta do casa do mas kirr, that's all...

By Neco



SHLICHUT DOS PAMPAS

Não se pode chamar esta viagem de shlichut. Bom, antes de mais nada, foi uma vísita amigável ao snif Montevidéo, ou melhor, aos snifim de Montevidéo, já que lá existem dois.

Chegamos a Montevidéo no sábado pela manhã, e depois de umas andanças pelas casas de uns amigos do Machon fomos, pela tarde, ao snif mais velho que fica no bairro de Goes. Fomos muito bem recebidos lá, e o pessoal, que estava saindo para levar os chanichim (janijim) ao snif de Pocitos, o mais novo, nos levou junto, nós e a nossa tralha de coisas. Os chanichim, que desde a saída do snif Goes não nos largavam o pé, nem a mão, nem as costas (literalmente), nos caíram em cima quando chegamos em Pocitos. -"brasileiros, são (ou melhor: son) brasileiros! Tienem chocolate? De qué tnuá sôn& blá,blá, etc e tal". Em resumo, tzofim iguaizinhos aos que temos no Brasil, uns diabos. Aos poucos fomos sendo apresentados ao pessoal mais velho que, diga-se de passagem, é bem numeroso. O snif estava no fim de uma reforma, e uma das primeiras coisas que eu vi foi o guisbar eo sheliach consertando uma janela quebrada. -Olá, como estás? Como te llamas? Naco? Ah, Nêco, si, mucho gusto,

me llamo Godi".

Este era o último sábado do Chodesh Hatnuá deles, e nos convidaram para participar de mifkad final. Uma zona, como qualquer mifkad por aqui, mas o número de pessoas era bem mais alto do que fomos vistos por aqui nos últimos tempos. Depois da entrega dos troféus às kvutzot vencedoras, Andrés, merakez chinuch do snif, que estava dando o mifkad, tentou nos apresentar aos chanichim, mas foi em vão. Eles não paravam quietos. Kol hamifkad iaavor le dom, amod dom. Dror aleh, aloh naale. Fim do mifkad.

Passamos quatro dias lá, dormindo no snif Pocitos, e fomos tratados muito bem mesmo. Além de comermos bastante pizzas (em castelhano "piças") e passearmos pela avenida 18 de Julio com cara de turistas, deu tempo também para planejar algumas coisas em conjunto. A última vez que eles (os uruguaios) tiveram algum contacto com a Tnuá brasileira foi num seminário continental, há uns bons 5 anos, antes da união Dror - Ichud, obviamente. A verdade é que para nós Montevidéo fica quase na mesma distância que Curitiba, e por isso vale a pena fazermos algo juntos (leia-se "chuntos"). Conversa vai, conversa vem, já iniciamos um intercâmbio de toghniot. Bem, por

enquanto é só "inter", porque ainda não mandamos tochniot para lá, só trouxemos os deles. Quando mandarmos, vai ser câmbio também. (piada sem graça).

O importante desta viagem é que deu prá notar que pé de interesse mútuo o intercâmbio Brasil-Uruguai e, particularmente prá nós, acho que pode ser muito bom se pudermos ter um contacto mais "de fato", tipo pegui shá de shichavot bogrot, prá tarmos de assuntos comuns. Além de começarmos com correspondência e envio de material, o próximo passo nestas "relações diplomáticas" vai ser a visita de chaverim do snif Montevideó ao snif Porto Alegre, em novembro ou dezembro. Sabem como é, depois que agente já pintou por lá fica chato prá eles não nos fazerem uma visitinha...

Talvez o que mais possamos aprender com eles, é a forma séria com que eles encaram o trabalho na tnuá. Tudo bem, não é ser "caxias", como muitos argentinos e uruguaios que conhecemos, mas simplesmente fazer o trabalho de uma forma séria e bem planejada, claro que sempre sem se esquecer de fazer isto da forma mais interessante e divertida possível. Vamos ver se conseguimos solucionar o velho mis-

tério: como é que nós, tendo mais bogrim do que eles, temos uma aliã menor, em números, não em proporção? É de se pensar, o qui eles tem qui nós num tem?

Che, amarremos o cavalo um pouco, e entre uma chimarreada e uma trvoa pensemos no causo este. E vamo aproveitá que temu estes amigão lá pros lado das bandas orientais do alto Uruguai. Um aleh veagshem daqueles bem buenaço procês.

Neco - boger /Porto Alegre

Resumo das decisões adotadas pela Organização das Pioneiras ao final da Peguishā Artzit - 1981, realizada em Belo Horizonte:

Diante de implecações como a do sentimento de dupla lealdade, incoerência como ser sionista e não fazer aliã, ou não permitir que seus filhos frequentem escolas judaicas ou Movimentos Juvenis, e a enorme desinformação e desconhecimento de nossos valores judaicos, concluimos que os pontos positivos do Sionismo atualmente ainda são:

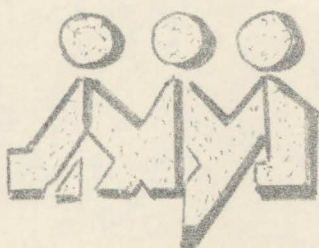
- 1- Movimentos Juvenis Chalutzianos e Grupos Universitários e Entidades Comunitárias.
- 2- Escolas Judaicas.
- 3- Organizações Femininas Sionistas.
- 4- Programações culturais para jovens em Israel.
- 5- Divulgação da arte, tecnologia, cultura e ciência de Israel, por feiras, exposições e palestras.
- 6- Cursos e Seminários locais e em Israel.
- 7- Shlichim adequados.

Portanto sugerimos às Cupulas Decisorias, um trabalho **positivo** eo revigoramento do Sionismo, o seguinte:

- Jovens - atender à criança carente nas escolas judaicas.
- Acessos aos Movimentos Juvenis nas Escolas.
- Apoio integral aos Movimentos Juvenis Chalutzianos.
- Seminários culturais: História, Educação e Tradição, base judaica para o caminho que leva ao Sionismo.

Na'amah Pioneiras com a seriedade que lhe é inerente propõe tomar parte ativa neste trabalho extremamente importante e necessário em prol do Sionismo forte e renovado.

60^o ANIVERSÁRIO - Pioneiras



60

שנת ה'תשמ"ב

Em agosto, realizou-se em Belo Horizonte a Peguishã da Organização das Pioneiras.

Com grande satisfação, chaverim da Hanhagã Artzit estiveram presentes e ao final do mesmo, bastantes surpresos.

Para nós, chaverim de uma Tnuã Sionista, foi realizante participar deste encontro com nossas "chaverot", onde a Naamat mostrou mais uma vez resoluções de força perante o movimento sionista.

O tema central desta peguishã foi: "O Movimento Sionista na década de 80", e como mostra a Síntese dos Trabalhos - em anexo - a Naamat busca com seriedade os caminhos para a concretização deste brilhante trabalho.

1982, marca o 60º aniversário de Naamat, e como marco de tal fato será realizado uma Peguishã em Israel, contando com suas chaverot de todo o mundo. De nossa parte, nós chaverim do Garin-82, "abrimos as portas" do Kibutz Guezer para as visitas de nossas chaverot....Shalom!!

O GACHELET MANDA BRASA OU...

COMO FAZER PARA A BRASA PEGAR FOGO OU...

O BELO HORIZONTE QUE SE DEFRONTA AO GACHELET...

A história do M.J.J. Gachelet de Belo Horizonte, vai dos idos de 1953, quando existiam duas tnuot aqui em B.H., o Dror e o Hashomer, que tinham suas sedes numa mesma casa.

Um pouco mais tarde, em 1956 o Dror extinguiu-se e os seus componentes uniram-se ao Hashomer, a despeito de todas as brigas e rixas anteriores.

Em 59, um grupo de jovens do ex-Dror, criou um grupo universitário nos moldes da Bnei Brith e que mais tarde se filiou à mesma.

Por volta do ano de 60, procurou a A.I.B. para que esta lhe cedesse uma sede, no que foi prontamente atendido, formando-se então a "Juventude da A.I.B.", que assumiu esta posição até o ano de 1962, quando dois jovens de B.H., foram enviados a Montevideo, para o congresso continental da CENTRA, à qual se filiaram, e a qual a Chazit Hanoar é filiada. Em 1965, a Chazit, descontente com a situação, mandou jovens a B.H. para discutir uma possível filiação do Movimento de B.H. (que já se chamava M.J.J. Gachelet) à Chazit, filiação esta que foi efetivamente consumada em 67, depois de exaustivas negociações e pressões da Chazit. Nesta época a escola judaica também começou a se desenvolver e por transmitir os mesmos valores que o Gachelet, e pelo fato de o Gachelet não oferecer opções novas e de nível, houve uma crise no movimento, que nunca contou com nenhum apoio efetivo, prático da Chazit Hanoar.

Esta crise culminou com a quase extinção do movimento em B.H., e é aí que a Brasa (Gachelet) pega fogo.

Foram feitos contactos com o ICHUD (atual DROR HABONIM) em 1979, e em março de 1981, os primeiros bogrim a serem mandados em caráter de experiência chegam a B.H. Daí o processo foi rápido e sempre crescente, culminando com a votação de que o Dror Habonim permaneceria em B.H., com a messibã e com as atividades que hoje contam com quase 100 jovens de Tzofim a Bogrim. Daqui em diante, as perspectivas são de franca ascensão, é só não deixar a Brasa se apagar e olhar para frente... para o Belo Horizonte que se descortina frente ao M.J.J. Gachelet, snif B.H. e à Tnuá em Geral.

Aleh Veagshem

Dror Habonim / Snif B.H.

M.J.J. GACHELET

Kiba / Boger-B.H.



DEVOLUÇÃO DO SINAI

DESENCADEIA A LUTA INTER-

NA EM ISRAEL

-Isaac Axelrud-

Começou a contagem regressiva para a devolução da última fatia do Sinai ao Egito, seu legítimo dono. Estamos a menos de dois meses do evento programado em solene tratado de paz. Populações tem de ser removidas, indenizadas, reinstaladas. Unidades militares devem evacuar a área em ordem. Os novos senhores devem chegar com suas bandeiras e bandas militares. Novos agricultores e comerciantes chegarão para iniciar o trabalho pacífico junto ao que deve ser uma fronteira de paz.

Assinalemos que esta será a primeira fronteira terrestre de Israel negociada, mutuamente consentida, segura, pois uma força extranacional de paz vigiará o horizonte. O primeiro êxito diplomático real do Estado de Israel. O resto foram manobras, gingas, sondagens, vitórias militares esvaziadas pela paz interina, perspectivas apenas. Este é um resultado prático, concreto, tangível. É a primeira fronteira que árabes e judeus poderão atravessar sem armas, através da qual poderão dialogar, e intercambiar produtos de atividade pacífica.

Assim se descreve a superfície dos acontecimentos. Desgraçadamente, a realidade profunda parece ser outra. Como se trata de uma área sensível do mundo, ponto de confluência de três continentes, intersecção de interesses conflitantes das superpotências e dos ligeiros projetos dos respectivos Estados Maiores, o problema regional tem peso mundial, e nos afeta a todos. Convém, pois, examinar o quadro mais de perto.

O caso é bom porque não há meios de fabricar tergiversações, jogos semânticos, interpretações casuísticas, truques de tradução. É um dado, um número, uma data estabelecida com antecedência. 25 de Abril. Número é universal. Não carece de tradução, nem precisa de consultor jurídico, 25 de Abril de 1982? O resto é consequência. Não há o que discutir. É honrar a palavra empenhada.

A reintegração do Sinai à soberania egípcia é um duplo teste. É um julgamento histórico da iniciativa de Sadat e da capacidade política de Begin. O tratado de paz egípcio-israelense contém elementos outros, não escritos, que nos colocam em plena selva política. Devo referir aqui apenas dois aspectos mais relevantes para a clara compreensão do novo quadro.

Em primeiro lugar e do ângulo mais geral, os interesses dos povos legitimamente envolvidos, isto é, dos dois vizinhos ex-beligerantes, era necessário que a paz não degenerasse em detalhe de surda luta mundial por esferas de influência. Uma paz de interesse americano e cunha anti-soviético ou pró-soviético e anti-americano seria uma dramática falsidade. Ela tem de ser acima de tudo um entendimento egípcio-israelense. Seria ilusão perigosa acreditar que países dependentes pudessem realizar a façanha em linha reta, direto e sem disfarce. Seria preciso, ao contrário, aproveitar todas as facilidades, jogar com as rivalidades interimperialistas, manter o conteúdo apesar das

difíceis aparências. Nisto é que deveria consistir a grandeza dos estados distas das mini-potências navegando nos arrecifes das superpotências. Digamos, uma real política terceiro-mundista que faz o que é preciso fazer e deixa os donos do mundo pensarem o que quiserem.

É bom dizer francamente que isto não aconteceu. Os atores não estavam à altura do drama. O fato dominante é que se estabeleceu, a partir de Camp David, uma competição israélo-egípcia para definir o alia do preferencial dos Estados Unidos. É um significativo ponto de necrose, podridão. De uma diplomacia que des serve seu próprio povo para servir ao Pentágono.

Em segundo lugar, o tratado de paz entre Israel e Egito tem uma contrapartida dialética. É um instrumento válido para alimentar o processo de paz abrangente para toda a região. Mas é simultaneamente um instrumento de pressão árabe sobre Israel. Melhor dito, sobre a direita chovinista, sobre os aiatolãs do Grande Israel. Portanto, pressão legítima e construtiva, porque pressões são a favor do que há de sério e positivo em Israel. Isto se manifesta de maneira muito simples e está à vista até mesmo das pessoas menos avisadas, agora que começou a contagem regressiva para o "gran finale" que poderá ser o "allegro maestoso" da conquista da paz ou o "de profundis" da nova guerra em caminho.

O Caso é o seguinte: O Egito reestabelece a soberania sobre a totalidade de seu território e fica de mãos livres. Dando-se por satisfeito, consagra seu isolamento no contexto árabe lavando as mãos em relação à questão palestina, e fica inteiramente à mercê das flutuações políticas dos Estados Unidos. Ao contrário, ficando o pé no texto de Camp David, assinado por Begin que fala textualmente nos "legítimos direitos do povo palestino" - O que não foi uma adesão a Arafat mas uma concessão à Carter - o Egito fica à cavaleiro. Mostra aos árabes que a solução negociada é eficiente para alcançar os objetivos que não foram obtidos pelas armas. Prova que a paz não é lesiva aos demais países e povos árabes. E tudo isto afirmando os direitos de Israel à aceitação árabe, isto é, à convivência pacífica e à soberania dentro de fronteiras seguras e mutuamente reconhecidas.

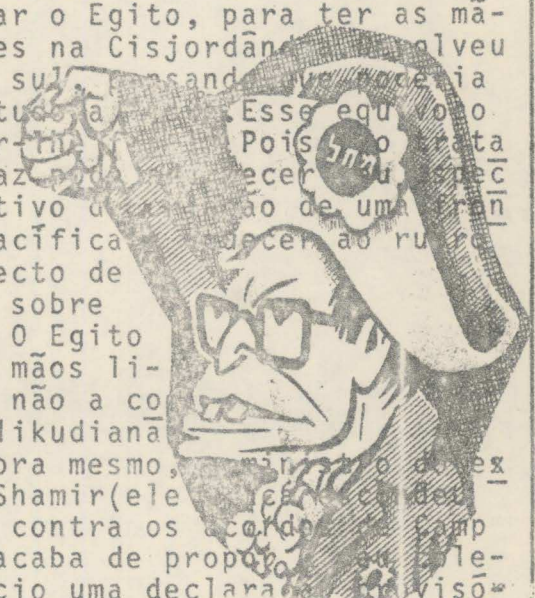
-tro de fronteiras seguras e mutuamente reconhecidas. Esta posição confere ao Egito as vantagens de negociador principal e traço de união entre as tendências ao entendimento que devem crescer e afirmar-se apesar de tudo. A chave é a questão palestina.

Trata-se, portanto, não de uma barretada gratuita ao sr. Arafat, mas de legítimo interesse nacional egípcio. Pela primeira vez os palestinos não são massa de manobra e fingido pretexto na política exterior de um país árabe. Este é o grande legado político de Sadat à Mubarak.

Foi neste ponto que Begin cometeu seu mais grave erro de cálculo. Pretendeu realizar a manobra de saciar o Egito, para ter as mãos livres na Cisjordânia, resolveu tudo ao sul, anexando a faixa de Gaza. Esse equívoco pode ser o resultado de um entendimento de paz positivo e de uma fronteira pacífica. Mas, no seu aspecto de pressão sobre Israel. O Egito está de mãos livres, e não a coalizão likudiana.

Agora mesmo, o ministro do exterior, Shamir (ele mesmo quem era contra os acordos de Camp David) acaba de propor ao Parlamento egípcio uma declaração de posição sobre a questão palestina... Antes de 25 de Abril. O árabe não caiu na esparrela. Essa politiquinha de alçapões e pequenas malícias é indigna do "povo do livro", inaceitável para Estados soberanos e inviável no mundo atual. Mas é o retrato da diplomacia beguinista estéril e dada à tocaia do cangaço.

Tudo isto ocorre no quadro da exacerbação das contradições inter-árabes. A Síria mal dá conta da batata quente que é o Líbano ocupado em suas mãos escaldadas e a custo mantém o poder do presidente Hafes Assad. O Iraque está enterrado até o pescoço no lodaçal iraniano. A célebre "arma do petróleo" virou fio e o problema é reduzir a produção para manter os preços, etc, etc. A inspiração do militarismo Sharoniano é tirar partido dessas dificuldades inter-árabes. A inteligência



cia da maioria pró-paz em Israel, ao contrário, diz que este é o bom momento para o acordo e o entendimento, pois as camarilhas fechadas no mais estreito anti-israelismo estão em crise e não tem condições de usar com êxito contra Israel as

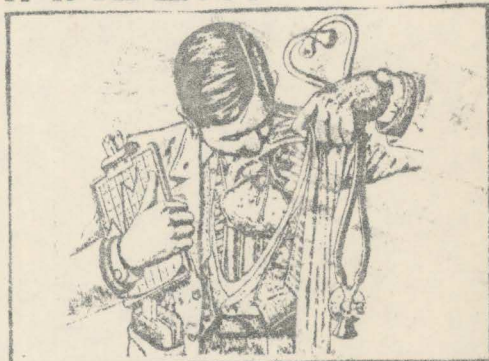
armas sofisticadas com que a União Soviética lhes alimenta a cegueira política.

Esta é a opção. Tudo depende do desfecho da luta interna que se trava em Israel. Quem puder ajudar que se mexa. Está na hora.

(extraído do "Correio do Povo")

BARAFUNDA MUITO GRANDE...

Barafunda, do latim BARAFUNDUM, designa o conceito de bagunça, confusão. O que isto tem a ver com a gente? Já explico. A explicação da palavra foi enrolação, eu queria me referir à nossa barafunda, na tnuã, no que se refere ao bicho-papão chamado "valores judaicos". Tem-se falado muito ultimamente nos



nossos meios chinuchim de como encontrar valores universais dentro do judaísmo, como transmiti-los, como vivê-los. Um humanista muito famoso, bastante afoito e descabelado, tinha uma visão muito interessante e bonita destes valores. Com a palavra, ALBERT EINSTEIN:

HÁ UMA CONCEPÇÃO JUDAICA DE MUNDO? - Albert Einstein

Não penso que exista semelhante concepção de mundo, no sentido filosófico do termo. O judaísmo, quase exclusivamente, trata da moral, quer dizer, analisa uma atitude na e para a vida. O judaísmo encarna antes as concepções vivas da vida do povo judeu do que o resumo das leis contidas na Torã e interpretadas no Talmud. A Torã e o Talmud representam para mim o testemunho mais importante da ideologia judaica nos tempos de sua história antiga.

A natureza da concepção judaica da vida se traduz assim: direito à vida para todas as criaturas. A significação da vida do indivíduo consiste em tornar a existência de todos mais bela e mais digna. A vida é sagrada, representa o supremo valor a que se ligam todos os outros valores. A sacralização da vida supra-individual incita a respeitar tudo quanto é espiritual - aspecto particularmente significativo da tradição judaica.

O judaísmo não é uma fé. O Deus judeu significa a recusa da superstição e a substituição imaginária para este desaparecimento. Mas é igualmente a tentativa de fundar a lei moral sobre o temor, atitude de

plorável e ilusória. Creio no entanto que a possante tradição moral do povo judeu já se libertou amplamente deste temor. Compreende-se claramente que "servir a Deus" equivale a "servir a Vida". Com esta finalidade, as melhores testemunhas do povo judeu, em particular os profetas e Jesus, se bateram incansavelmente.

O judaísmo não é uma religião transcendente. Ocupa-se unicamente da vida que se leva, carnal por assim dizer, e de nada mais. Julgo problemático que possa ser considerado como religião no sentido habitual do termo, tanto mais quando não se exige do judeu nenhuma crença, mas antes o respeito pela vida no sentido supra-pessoal.

Existe enfim outro valor na tradição judaica, que se revela de modo magnífico em numerosos salmos. Uma espécie de alegria embriagadora, um maravilhar-se diante da beleza e da majestade do mundo exalta o indivíduo, mesmo que o espírito não consiga conceber sua evidência. Este sentimento, onde a verdadeira pesquisa vem haurir sua energia espiritual, lembra o júbilo expresso pelo canto dos pássaros diante do espetáculo da natureza. Aqui se manifesta uma espécie de semelhança com a ideia de Deus, um balbuciar de criança diante da vida. Tudo isto caracteriza o judaísmo e não se encontra em outra parte sob outros nomes. Com efeito, Deus não existe para o judaísmo, onde o respeito excessivo pela letra esconde a doutrina pura. Contudo considero o judaísmo um dos simbolismos mais puros e mais vivos da ideia de Deus, sobretudo porque recomenda o princípio do respeito à vida.

É revelador que, nos mandamentos relativos à santificação do Shabat, os animais sejam expressamente incluídos, de tal forma que a comunidade dos vivos é percebida como um ideal. Mais nitidamente se expressa a solidariedade entre os humanos, e não é por acaso que as reivindicações socialista emanem dos judeus.

Como é viva no povo judeu a consciência da sacramentação da vida! É muito bem ilustrada até na historiazinha que Walter Rathenau me contou um dia: "Quando um judeu diz que caça por prazer, ele mente." A vida é sagrada. A tradição judaica manifesta esta evidência.

(extraído do livro "Como vejo o Mundo")

Tal uma visão bonita e que vale a pena ser pensada. Principalmente por pessoas que pensam que só se pode transmitir judaísmo ensinando o velho lado bolorento dos chaguim e a repetição automática de shirim. O judaísmo é vida, pulsa e respira, e é como vida que tem seu maior valor. Transmitir valores judaicos deixa de ser bicho-papão e palavrão quando se conhece realmente o que é viver judaísmo, que nada tem a ver com religião. A religião e a tradição codificam, simbolizam um valor fundamental, que Einstein define tão bem. Amor à vida.

BA TNUA

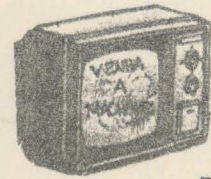
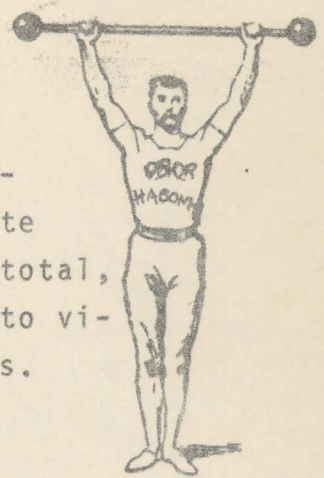
NOTÍCIAS POPULARES
(e impopulares também)

Confirmado: Será realizada nos dias 23, 24 e 25 de Abril, a primeira Peguishã de Bogrim, contando com a participação dos recém chegados bogrim do Shnat-Machon 81. Além deles, a peguishã contará com todos os bogrim em peilut nos snifim (inclusive os fósseis), e terá como objetivo uma ampla discussão sobre a chinuch da Tnuã e sobre estruturação de Garinim aliã. A Peguishã provavelmente coincidirá com a chegada do chaver Ricardo, maskir da Tnuã Mundial, de modo que poderemos ouvir dele como vão as coisas lá na "terrinha".

Aqui Peguishã de Bogrim



Os tradicionais "30 Se der de Pessach" estão sendo preparados nos snifim em todo o Brasil. Esperamos que este ano venham com força total, com muita gente e muito vinho. Boa sorte a todos.



Pois é, vivemos no país do futebol, e não conseguimos fugir disso. Na Copa do Mundo, o remédio são machanot com televisão, e parece que alguns snifim já estão aí.

Pelo que ouvimos dizer, os novos shlichim da tnuã estão fazendo muito sucesso em seus snifim. Kol Hakavod para Oded (Rio) e Moisha (Beito Horizonte).

SHELIACH IS Beautiful!



Muito estranhas as shlichuiot que alguns bogrim de Porto Alegre andam fazendo ao snif Monte video. Será que é muita vontade de trabalhar? Será que des cobriram muita mulher por lá? O que será? Hum?

TOP SECRET DIPLOMACY



Né, Victor 2?

SE VOCE GOSTOU DESTAS NOTÍCIAS, IMAGINE SÓ AS QUE ESTÃO NA PÁGINA SEGUINTE!



Parece que os magshimim estão com fome de dinheiro, ou então muita vontade de viajar, pois ao que nos consta até os pais deles foram mobilizados na realização de seus mifalim. Esperamos que isto não seja apenas "fogo de palha, e desejamos a vocês BOA SORTE!



Do jeito que vão as coisas, parece que o snif São Paulo de verã abrir suas novas filiais no interior paulista. Jã fo-

ram enviados shlichim para Sorocaba, Botucatu e Campinas, além de ter terminado o período de trabalho de nosso sheliach em Santa Bárbara.



As inscrições para o Beit Bogrim, é, continuam abertas. Estamos aceitando

interessados que possam trazer o carro, interessados em trabalhar no ramo culinário (e que façam isto bem), e outros interessados que eventualmente venham a nos interessar...

BOTE AQUI SEU ANÚNCIO

Qualquer coisa: carros, tilboshot usados, meias, latas de Coca-cola...

A partir do próximo número, ANUNCIE!



SEÇÃO DE CARTAS

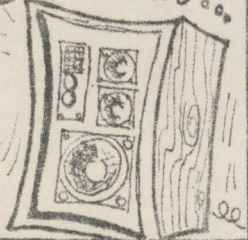
É claro que não tem nenhuma carta. Ou vocês pensaram que eu fosse inventar, hem?

Estamos solenemente declarando aberta a nossa seção de cartas, que funciona para todos, menos os MAGSHIMIM. Ouviram? Todos os outros podem escrever. As respostas serão suaves...

E FINALMENTE, CHEGA O MOMENTO
TÃO ESPERADO: A VAIDÁ!



TUDO MUNDO
PARA O CIRCO!
OS DELEGADOS
LEVEM AS RESPEC-
TIVAS PASTAS!
TUDO MUNDO...



Prezado público!! Vamos agora
iniciar o espetáculo... (00RS!!)
... a Vaidá!!



Parra aí! Nós quere-
mos prrpor que to-
dos aqui votem!!
Sem bairrismos!



DISCORDO! É PALHA-
GADA! NÃO VAI
SER JUSTO PROS
SNIFIM PE QUENDS,
E BLA, BLA, BLA...



E ASSIM
SE PAS-
SARAM 3
DIAS DE
MUITA
"TRANQUI-
LIDADE" NA
VAIDÁ...

MUITA TRANQUILIDADE MESMO...



ATÉ QUE...



EP, Moishix! Tá
na hora de chamar
aqueles caras!

É mesmo
Zepix!

CHAMANDO GARIBZ!!
CHAMANDO GAR



Carra, acho que
é com a gente!

Só depois do
sanduiche...